

O Brasil que faz a sua parte

Prezados Associados,

Gostaria de falar neste editorial de coisas amenas e com outro tom, talvez até sobre o mesmo assunto, mas com uma dose maior de otimismo. Ou talvez falar do mercado, dos nossos produtos com suas projeções, tendências e novidades, para todos os que fazem das suas empresas bases de lançamento de produtos, sonhos e progresso.

Deveria ressaltar a importância da realização da 1ª Feira de Embalagens de Minas Gerais, na qual se fizeram representar os setores de celulose, papel, papelão ondulado, papel-cartão, cartográfico e o setor plástico.

Entretanto prefiro ser insistente na defesa das nossas empresas, do nosso mercado e da economia do nosso Estado e do país, expondo as mazelas que nos afligem.

A economia é um sistema vivo, em que todos os atores convivem imbricados e no qual deve pulsar o valor da produção tanto de um sapateiro, como de um padeiro, de um alfaiate, ou de um mecânico da esquina, bem como das pequenas fábricas de doces, bebidas, calçados, confecções, móveis e alimentos que existem aos milhares nos bairros das nossas cidades e que geram uma montanha de empregos - às vezes informais - mas que são reais e factíveis de serem ocupados por quem os gera e por quem deles necessita para o sustento da sua família.

A crescente burocratização e complexização na formalização das empresas brasileiras, em todas as suas etapas - fiscal, tributária, trabalhista e ambiental - está contribuindo, junto com as importações fraudulentas, para eliminar rapidamente estes postos de trabalho e estas empresas, impedindo que as pequenas e médias empresas usufruam da subcontratação de serviços daquelas, retirando-lhes a competitividade de produção, primeiro perante os clientes no exterior e, agora, perante aos clientes do próprio mercado interno.

Tudo isso aliado à maior taxa básica de juros do planeta - Selic, a 12,50% ao ano - faz com que o Brasil seja o paraíso da especulação das bancas internacionais que tomam capital a 0,5% no Japão e o aplicam em títulos do nosso Governo e na nossa Bolsa de Valores. Elas se seguram no hedge cambial do Tesouro Americano a 5,5% ao ano, depletando a cotação do dólar no Brasil. Numa mão, inviabilizam a exportação de milhares de pequenas empresas e na outra propiciam a entrada de um enxame de produtos com o Real - irrealmente - fortalecido e, muitas vezes, subfaturado, numa concorrência desleal para com os produtos fabricados no Brasil - real - que paga a mais alta carga tributária do mundo e tem a mais arcaica e

inflexível legislação trabalhista entre as nações do seu porte, aliada à uma infra-estrutura deficiente e capenga.

Somente pessoas e empresas que se beneficiam desta situação, ou têm pouco conhecimento dos fundamentos práticos da economia, podem apoiar uma política econômica autofágica como esta, que nega investimentos em infra-estrutura para que o país produza mais, melhor e com menores custos, e gere mais emprego e renda.

A estes o País paga em juros - o que conseguimos de superávit primário - o tributo contra as turbulências fictícias, que sugam os recursos da Nação advindos do trabalho de todos, empregados e empresas, e rouba a dignidade e o futuro dos nossos jovens que estão a ingressar no mercado de trabalho e não o conseguem por falta de formação e empregos e são empurrados para o colo da marginalidade operosa e oportunista.

Tudo isso é uma lástima, à espera de providências de dignidade que consigam extirpar do convívio com o poder estas sanguessugas a serviço dos interesses internacionais que exigem juros levemente decrescentes para não terem prejuízo, e acenam com o monstro da inflação toda vez que um vice-presidente - com pouco estudo, mas muita prática, sabedoria e experiência - exige uma queda mais brusca destas taxas com que o Governo remunera a própria dívida e dá tiro no próprio pé do Tesouro e, por extensão, no de todos nós.

Os superávits obtidos pela balança comercial são provisórios porquanto baseados em commodities cujos preços e demandas no mercado internacional estão em alta. Nossa receita com a pauta de produtos industrializados, com valor agregado, caiu no ano passado aos mais baixos índices percentuais dos últimos anos, substituída e acrescida em seu montante pelo incremento na exportação de commodities e petróleo cru. E a indústria, que gera emprego intensivamente, fica a ver navios porque estamos caminhando de volta a um passado de sociedade agro-mineiro-pastoril.

A continuar assim, em poucos anos, grande parte do nosso parque industrial estará sucateado, porque não teremos mais demanda para os nossos produtos. Algumas empresas com fortes marcas poderão até manter-se no mercado, importando produtos Made in China/India/Korea etc. e aponto suas marcas. Mas quem se beneficiará dos empregos e do desenvolvimento social gerado pela produção destes artigos serão os países acima e não o Brasil, porque ao importarmos produtos e bugigangas de outros países, estamos de fato é transferindo-lhes nossos empregos e nossos salários.

O que podemos e o que devemos fazer para preservar nossas empresas, nossos empregos e a capacidade correta de contribuição via impostos justos para que nosso país não vire economia-satélite, como muitas outras que já jogaram a toalha da indústria ao chão?

Aceitamos sugestões, idéias, ideais e desafios, porque nossas indústrias começam a viver esse momento crucial. Não deveremos ficar de braços cruzados vendo sumir nossas empresas fabricantes de calçados, confecções, brinquedos, cosméticos, utilidades domésticas, eletrodomésticos, eletro-eletrônicos e muitas outras.

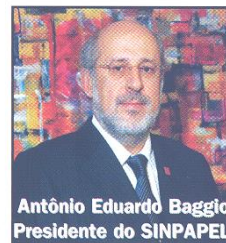
Toda grande Nação, ao recolher da sociedade os recursos via impostos, taxas, etc, tem o dever de devolvê-los em benefícios e serviços, que gerem bem-estar e riqueza para toda a população, sob pena de se tornar uma nação inepta, atrasada e socialmente injusta.

Esperamos todos o dia em que grande parte dos filhos desta Nação sejam competentes e aguerridos na sua defesa, impedindo que parte substancial da sua riqueza suma no ralo da corrupção, das negociatas, da ineficiência e do corporativismo da máquina estatal, jogando a conta pesada nos produtores e consumidores do país. "A nossa terra é o lugar onde nos estabelecemos, de onde tiramos seus frutos com o suor do nosso rosto e aonde depositamos a esperança do futuro dos nossos filhos."

Moramos no Brasil e temos que lutar para que aqui sim seja o melhor, mais desenvolvido, justo e humano lugar para se viver e criar nossos filhos e netos com dignidade, trabalho e progresso.

Felizmente o Brasil é uma nação que reúne as melhores condições, climáticas, geológicas e étnicas para comandar a sociedade mundial no século XXI. Haveremos de despertar a consciência do nosso poder como nação para transformar-nos durante este século em uma sociedade justa, ética, progressista, humana, solidária e sócio-ambientalmente responsável e produtiva.

Esperamos ver ainda neste século o empresariado aliado aos trabalhadores, exercendo uma e coesamente uma função moderadora e balizadora da sociedade porquanto sermos juntos os atores que geram e criam, trabalham e lutam, investem e arriscam, produzem e se responsabilizam e alimentam o conjunto da nossa sociedade.



Antônio Eduardo Baggio
Presidente do SINPAPEL